

RUBEM BRAGA

## Cadernos de Menina

NÃO me espanto desse livro estar em quarta edição; se o brasileiro tivesse algum hábito de ler ele devia estar na décima. É difícil imaginar um livro mais macio, mais simples, mais engraçado e comovente, um livro que seja assim capaz de agradar a qualquer pessoa, seja qual for seu gosto em leituras. Se você quiser dar um livro de presente, dê esse, porque dá sempre certo: estou falando de «Minha Vida de Menina», de Helena Morley. É o diário verdadeiro de uma menina de Diamantina, no fim do século passado. A autora, que na verdade é a senhora Alice Brant, ordenou os cadernos em que fazia suas composições, na infância, para mostrá-los às suas netas, e daí veio a idéia do livro.

Já está ele traduzido para o inglês pela excelente poetisa norte-americana Elizabeth Bishop, que vive no Brasil; acho que a Divisão Cultural do Itamarati devia se interessar pela sua tradução em outras línguas, pois é um comovente retrato da vida brasileira em certa época e em certa região.

É um livro, como se costuma dizer, sem literatura; chegará a ser arte o que não é elaborado, o que não sofre nenhuma transposição? Mas aí é que está o milagre da coisa. Muitas outras meninas viviam em Diamantina no fim do século, e o professor de português da Escola Normal obrigava as alunas a fazerem uma composição quase todo dia. A realidade era mais ou menos a mesma para todas. A sensibilidade especial dessa menina, aliada a um jeito natural para escrever, é que permitiu esse milagre de nos trazer, até hoje, e para sempre, viva, essa Diamantina de mais de 60 anos atrás. E isso não é arte? E qualquer escritor pode aprender muito aqui e muito tem a invejar, principalmente esse casamento perfeito da linguagem com o assunto. O português não é sempre correto, do ponto de vista gramatical; é corretíssimo, é magistral como expressão do tempo e do meio, e merece todo um estudo de filologia.

Como eu gostaria de ver esse livro ilustrado! Teria de ser um desenho bem simples, sem nenhuma pretensão, talvez Percy Lau ou Noêmia, em todo caso o desenhista teria de ser documentado sobre Diamantina e assessorado pela autora sobre as modas do tempo e o jeito das pessoas. Faça isso para a quinta edição, José Olímpio, e mesmo que encareça o livro não tem importância, ele merece e vale.